

Os escritos de Policiano e sua proposta pedagógica, neste estudo, são enraizados em seu ser histórico-temporal, isto é, no mundo objetual das artes em que foram concebidos. A pedagogia proposta é laica e construída em cima de três colunas basilares: a natureza não transformada, como o mais belo espetáculo das coisas; o *logos* humano que substitui o *logos* divino; e a filosofia a ditar a ação: ser é agir. Nesta base, a poesia, a literatura e a arquitetura presentes nas obras artísticas de Florença desta época impulsionam a educação, constituem o objeto da formação humana e estabelecem o conteúdo da pedagogia policianiana.

PALAVRAS-CHAVE: Policiano; Pedagogia renascentista; Artes e educação; Filosofia e pedagogia



Cúpula de Santa Maria das Flores de Brunelleschi.

"Cobre com sua sombra toda a Toscana."

Alberti

In this study, Policiano's writings and his pedagogical proposal are rooted in their historical time, that is, in the objectual world of the arts in which they were conceived. The pedagogical proposal is a lay one and is constructed on a tripod basis: untransformed nature as the most beautiful spectacle of things, the human logos that substitutes the divine logos, and a philosophy that dictates action: to be is to act. On this foundation, poetry, literature and architecture present in the works of the Florentine artists of this epoch give an impulse to education, constitute the object of human formation and establish the content of the Policianian pedagogy.

KEY-WORDS: Policiano; Renaissance pedagogy; Arts and education; Philosophy and pedagogy

As Sombras e o Corpo Donde Procedem ou O Mundo das Artes como Princípio Educativo

Sandino Hoff

Professor doutor do
Departamento de Ciências
Humanas - CCHS da
Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul

Introdução

Há alguns anos dedico-me a um estudo que busca reconstituir propostas educacionais, elaboradas por pensadores que não são considerados pedagogos, mas que elaboraram algumas páginas sobre a formação do homem. Neste sentido orientei trabalhos sobre o conteúdo educacional em Mørus, Erasmo e Montaigne. Escrevi textos sobre as diretrizes educacionais de Locke, Kant e, agora, de Policiano.

Estes estudos têm uma abordagem metodológica que privilegia o ser temporal-histórico do pensamento, ou seja, tenta restituir as idéias a seu lugar de nascimento. Para isso, é preciso expungir o conceito de "essência humana" de seu caráter idealista e materialista intuitivo e entendê-lo como resultado histórico das objetivações materiais e espirituais dos homens. Através de sua atividade laborativa, os homens criam um conjunto de produtos que, somado à totalidade de objetos já realizados, já objetivados, forma a essência humana, de acordo com a Sexta Tese sobre Feuerbach.

A atividade dos homens fala alto nesta concepção. Os homens, ao transformarem a natureza, modificam-se a si próprios. Graças à universalidade que caracteriza a atividade laborativa dos homens, todo objeto torna-se objeto do agir humano. É o que fundamento no meu artigo "A Pedagogia Objetual", publicado em 1989

Os objetos produzidos exigem a construção de novos objetos, na conexão ativa com outros homens; e as novas necessidades exigidas desenvolvem também habilidades, destrezas, sagacidades e ciências, para construir outros tantos produtos e saberes. Tudo isso resulta em novos conhecimentos cada vez mais completos do mundo objetual (HOFF, 1989 p. 143-4)

O mundo dos objetos amplia-se e o conhecimento humano sobre ele é universal porque a atividade humana é uma atividade universal. E a pedagogia é dada pelo estudo do conteúdo e da forma de realização do mundo objetual, da humanidade em cada ser humano.

A História Objetual da Educação tem sua raiz nesses pressupostos ontológicos. Não há história sem o ser social, como não há ontologia sem a história. A atividade humana produz objetos; por isso, estes têm história. A historicidade social está presente quando se tenta restituir o pensamento de Policiano a seu lugar de nascimento, ao seu ser histórico-temporal, ao seu mundo objetual.

Ao tentar elaborar algumas idéias sobre os escritos de Ângelo Policiano, o que nos vem à mente é a validade e a utilidade de propagá-los no Brasil. O seu valor histórico refere-se

à sua importância de considerá-los enraizados no seu mundo objetual. Como tal, o fenômeno espiritual e cultural, expresso neste escritos, põe-se em relação com o ser-sujeito da história a fim de que se manifeste sua essência. Outros textos do Autor, como "Selvas", "Miscelâneas", "Nutricia", fazem companhia à "Lâmia" no intuito de se tentar expor o que foi seu pensamento pedagógico e suas diretrizes educacionais.

Ângelo Policiano (Angelo Ambrogini) nasceu em 1454 em Montepulciano e morreu em Florença em 1494. Filho mais velho de quatro irmãos, desde cedo sentiu a dificuldade de sobreviver pois seu pai, Benedetto Ambrogini, um homem de leis, foi assassinado numa emboscada quando Policiano tinha apenas dez anos de idade, ficando a tarefa de sua educação à sua mãe, Antônia Salimbeni. Seu ideal eram os estudos superiores que realizou plenamente, com ajuda de um primo em Florença. Foi discípulo de Argyropoulos, o bizantino comentador de Aristóteles, radicado em Florença no Quatrocentos. Foi aluno de Landino (1424-1504) que fora chamado em 1458 ao Studio di Firenze para ocupar uma das cadeiras da faculdade. Policiano dá-lhe o título de *celebritas* e de *auctoritas* em consequência dos

seus excelentes comentários sobre Petrarca, Virgílio, Horácio e Dante. Também Marsilio Ficino foi seu mestre.

Não se sabe se Policiano chegou a constituir família.

Amava Alessandra, a filha da Bartolomeu Giovanni di Scala, chanceler de Lourenço Medici. Marullo, poeta e soldado, também a amava. Alessandra, que dominava o latim e o grego, casa-se com Marullo, mas se torna viúva precocemente. Ainda jovem, decide terminar sua vida num convento. (GARIN 1994 p. 42). Em dísticos gregos, Policiano perguntara-lhe: "Por que me mandas pálidas violetas"? E ainda em grego: "Não é por acaso suficientemente pálido aquele que teve todos o seu sangue sugado pelo amor"?

Policiano educou-se e trabalhou numa cidade cheia de monumentos históricos, de sábios matemáticos, geometras e filósofos, de arquitetos, pintores, escultores e poetas. Para que

É preciso expungir o conceito de "essência humana" de seu caráter idealista e materialista-intuitivo e entendê-lo como resultado histórico das objetivações materiais e espirituais dos homens.

aos conceitos de filósofo, de gramático e de outros ofícios intelectuais que existiam no final do Quatrocentos, ao uso da estrutura curricular nas escolas e à forma de viver e de pensar dos homens contemporâneos do Autor. Tentaremos enraizar esse conteúdo no seu ser histórico, isto é, abordá-lo sob o aspecto da existência desses homens. Expõe-se, de início, a seguinte verdade: "Lâmia" revela que os indivíduos buscavam novos modelos e novas formas de viver e de pensar; refletiam sobre o presente à base das "corujas antigas, sábias de verdade" e dos empreendimentos artísticos da Florença.

É nessa perspectiva que vamos analisar os textos de Ângelo Policiano, como uma neces-

se tenha um ponto de apoio para essa afirmação, recordemos que, à época, a igreja de Santa Maria das Flores com sua famosa cúpula estava concluída e que Brunelleschi havia revolucionado a prática e a teoria da construção. Alberti já havia escrito "De Pictura" que codificou de forma sistemática as experiências anteriores. Ele havia concluído a fachada da igreja gótica de Santa Maria Novella em que aplicou o princípio de Vitruvius ("De Architectura", 25 A. C.) da composição modular, assumindo o quadrado como módulo compositivo. Benevenuto havia combinado a leitura dos antigos com a experiência direta e pôde fundar a anatomia patológica, na segunda metade do século XV. A igreja românica dos Santos Apóstolos, antiga catedral de Florença, e seu portal renascentista de mármore estavam ali na Piazza del Limbo. A força renovadora dos humanistas no campo da ciência trouxe Brunelleschi, Donatello e Masaccio a reinventarem a perspectiva dos gregos e a aplicarem nas suas respectivas artes; assim, renovaram a linguagem do sistema plástico e a cultura arquitetônica. As igrejas de São Lourenço e do Espírito Santo são monumentos da "scuola di Brunelleschi". Ghirlandi aplicara toda a técnica atualizada na igreja Santa Maria Novella.

Policiano pôde observar as esculturas de Ghiberti (Oratório de São Miguel), de Nanni de Banco (Duomo), de Donatello (Oratório de São Miguel); pode apreciar os bronzes, parcialmente dourados, de Ghiberti e de Brunelleschi, nas portas do Batistério; os afrescos de Masaccio; o Palazzo Rucellai de Alberti, o Palazzo Medici-Riccardi; as pinturas de Antônio e Bernardo Rossellino (S. Miniato al Monte), de Fra Filippo Lippi (Catedral do Prato, perto de Florença), de Ghirlandaio (S. Trinità) e de Botticelli (Uffizi). Mantegna havia pintado "Adoração" em Florença e "Morte da Virgem" em Prato. Todas essas obras artísticas estavam à vista de Policiano em Florença.

Ensinou lógica e dialética no Studio di Firenze; hoje diríamos que ele foi um gramático, um lingüista e um filólogo. Quando Leonardo da Vinci estudava no Studio, Policiano ainda

não era professor; o mestre de Da Vinci foi Landino. Garin descreve a época: "Entre os anos de juventude de Michelangelo, transcorridos na corte de Lourenço e em contato com Policiano e, mais tarde, dominados pelas pre-

O valor dos escritos de Policiano refere-se aos conceitos intelectuais que existiam no final dos Quatrocentos, ao uso da estrutura curricular nas escolas e à forma de viver e de pensar de seus contemporâneos.

gações e pelo martírio de Savonarola" (Garin, 1994, p. 133)

Trata-se de mostrar apenas uma parte significativa do universo das artes florentinas. O mundo objetivo das artes foi significativo para as idéias pedagógicas de Policiano. É de se supor que ele tenha recebido a notícia da viagem de Bartolomeu Dias a ultrapassar o Atlântico, entrando no Índico e da descoberta da América, ainda em vida, pois, Florença era uma cidade voltada para o comércio à longa distância e cidade-nação de banqueiros. Além dos citados Alberti, Argypoulos, Ermolau Bárbaro e Landino, também, Baldassare Castiglione, Erasmo, Marsílio Ficino, Machiavelli, Giovanni Pico della Mirandola, Savonarola eram contemporâneos de Policiano. Acrescenta-se a eles, os nomes dos artistas Sangallo, Pollaiolo, Verrochio, Mantegna, Filippino Lippi, Signorelli, Leonardo da Vinci e Piero della Francesca.

Florença era, também, a cidade da vida intelectual de Policiano, sob a proteção do mecenas Lorenzo de Medici. Ali impulsionou o movimento humanista, animou a cultura popular. O texto que traduzimos mostra bem a cultura popular e as festas florentinas quando descreve os vendedores nas bancas, os prestidigitadores em ação e as apresentações dos artistas na praça. Educou Pietro e Giovanni, filhos de seu mecenas. Giovanni, cardeal aos 14 anos e papa aos 38 com o nome de Leão X, foi o grande impulsionador da escultura romana. Numa carta a Lorenzo de Medici, na função de preceptor, Policiano redama que a mãe de Giovanni, este com quatro anos, permitiu que o menino lesse o Salterio, o que ele não aprovara devido ao péssimo latim contido na Bíblia. O texto encontra-se em "Omnia Opera

Angeli Politiani” na Biblioteca da Università di Studio e na Biblioteca Lauretina de Firenze.

“Lâmia” foi escrito dois anos antes de sua morte. Enuncia o valor da filosofia e o que o Autor entendia de sua própria atividade de *crítico* ou *gramático*.

Foi poeta, educador, homem de estado, conselheiro, professor, pesquisador e tradutor. Na sua criação poética serve-se do grego e do latim. Traduz a “Ilíada” em versos latinos. Escreve também em italiano popular e literário. Edita livros de poesia. Nos últimos 15 anos de sua vida exerce o ofício de crítica filológica e de magistério filosófico. Nessa época, realiza crítica a textos de literatura e de filosofia, fruto, também, de sua docência. É representante do humanismo laico. Formula uma pedagogia que propõe a formação de um homem deste mundo. É um homem culto que domina o latim e o grego com perfeição e que traduz Homero e Virgílio. Um investigador e intérprete dos mais variados autores latinos e gregos. Mestre e pedagogo da família Medici.

Os Fundamentos da Pedagogia de Policiano

Uma pedagogia laica, tal como Policiano a entende, não se constrói contra o ensino religioso, mas com os pensadores antigos. O Saltério não servia à educação do menino Giovanni não por ser um texto religioso mas por estar escrito num latim horrível. Na sua opinião uma pedagogia laica é um aprendizado sobre a natureza o que contribui para a autonomia das pessoas a fim de que se libertem do destino e dos deuses mediante a educação. É através da formação que os homens não ficam “à mercê dos deuses ou da sorte.” Essa é a libertação sustentada por Policiano, baseado em Platão.

Oneo-platonismo teve influência decisiva nos seus escritos. Satisfaz as necessidades espirituais dos que estavam acostumados e inclinados a permanecer no cristianismo e estudar ao mesmo tempo os antigos. Não se opunha à religião cristã, nem à ciência da época e nem tratou de substituí-las. Tentou, antes, complementá-las no campo do pensamento. Baseado nisso, propôs uma educação que buscasse aspectos inteligentes da religião e dos antigos em benefício de uma elite culta, social-

mente suficiente e cada vez menos implicada nos assuntos do Estado.

A análise de “Lâmia” complementada com a de outros textos, permite que se sustente o seguinte: a pedagogia se constrói em cima de três *colunas basilares*.

Objeto de estudo da filosofia e da pedagogia é a *natureza*, conceituada como invariável a despeito de que variam as gerações e as coisas se corrompem: “*A natureza é o mais belo espetáculo das coisas*”. Daí o aprendizado que o indivíduo deve realizar sobre a natureza. É a formação que aperfeiçoa o indivíduo. Mas, especificamente, o sujeito que provém de pais extraordinários, sem mácula no passado, troncos retos por natureza, saídos de árvores de lei: “*Uma estátua de Mercúrio não sai de qualquer tronco*”. À falta de antepassados saídos e à falta de formação, os homens de baixa condição não têm meta na vida e escolhem os trabalhos mais vis; além disso, sua conduta nunca procede com retidão e não exerce a liberdade.

Se ele considera a natureza como o primeiro fundamento da pedagogia, não se limita a ela e aponta para uma segunda coluna. Expõe seu pensamento sobre a distinção entre o homem e o animal, um assunto muito caro aos humanistas, dispostos a colocar o *homem no centro do universo* justamente por considerá-lo empreendedor de todas as ações transformadoras: “*A mente é ação e o pensamento se converte em força*”. A distinção se encontra na inteligência e na razão. Das três faculdades da alma, conforme o Autor, - a razão, a ira e a cobiça -, apenas a primeira distingue o homem de outros seres vivos. Não se trata mais do Logos divino de quem o logos humano é partícipe e a quem está subordinado; é a razão humana que está no centro do mundo, a coordenar o poder do homem, a responsabilidade do cidadão e a liberdade de investigação. Esse individualismo renascentista no seu sentido pleno é bem descrito por Sichel:

O grande quadro de Adão recém-criado, pintado por Miguel Ângelo no teto da Capela Sixtina, pode ser tomado como um símbolo do Renascimento, do tempo em que o homem foi, na verdade, recriado mais glorioso do que antes, com o corpo desnudo e sem pejo, o braço vigoroso, não enfraquecido pelo jejum, estendido para a vida e para a luz. (...) Foi um movimento, uma revivificação das capaci-

des do homem, um novo despertar da consciência de si próprio e do universo (SICHEL, 1977, p. 7).

Em seu conjunto o Humanismo constitui um fenômeno que se opunha solidamente ao monopólio edesiástico. A sociedade que o sustentava era predominantemente burguesa e havia rechaçado a cultura eclesiástica pois era exatamente a força viva do humano e auto-suficiência do homem novo numa sociedade nova, capaz

de vencer o destino. O homem, colocando-se acima da natureza, plasma-a conforme suas próprias exigências e instaura sobre ela o reino de sua atividade, obra de sua criação. A individualidade deseja estender-se no tempo e no espaço. O novo homem, enfim, é o equivalente a um ator que domina os acontecimentos e dirige as rédeas da história objetiva.

O terceiro fundamento da pedagogia de Policiano decorre do segundo: *a filosofia dita a ação*. Este é um dos fortes traços do individualismo. Policiano já acentua o que nós nos acostumamos a ler apenas na modernidade: a perspectiva da praxis. Ser é atividade. Pode-se tentar relacionar essa idéia com a produção das manufaturas iniciais, do comércio e dos bancos de Florença - ações decisivas na prática transformadora da natureza - incrementados nessa época pelos Medici, protetores de Policiano? Apenas um estudo de outros documentos do Quatrocentos poderia dar-nos uma resposta satisfatória a uma época em que a atividade humana era dirigida para a transformação da natureza. A classe social a que pertencia Policiano e a maioria dos humanistas tinha uma visão ampliada sobre a tarefa dos homens num mundo regido pelo comércio à distância e pelo poderio financeiro. Os Medici incentivavam as manufaturas, operavam com seus bancos e patrocinavam os artistas.

Os três fundamentos enumerados apontam para funções determinantes do que podemos denominar de pedagogia em Policiano. Torna-se evidente em "Lâmia" que somente os esclarecidos, os intelectuais, os homens que nasceram de troncos sadios são seres que podem exercer uma prática transformadora. Expres-

sões do Autor reforçam a idéia de que há indivíduos empreendedores que ditam a ação na sociedade. Vejamos algumas frases de "Lâmia" nessa perspectiva: "deixando ao povo vil..."; "os que escolhem os trabalhos mais vis"; "apanha-os tu pois não és Temístodes"; "rei é

Policiano formula uma pedagogia que propõe a formação de um homem deste mundo.

Ele é um homem culto, um investigador e intérprete dos mais variados autores latinos e gregos.

diferente de um criador de porcos ... de um boiadeiro"; "um homem ignorante é pior que as bestas". Não é o povo, mas os indivíduos abertos para a luz e para o brilho do universo que constroem a cultura porque já aprenderam a dominar-se a si próprios e a pôr em ação suas próprias forças; aprenderam, enfim, a puxar o alforje das costas para deixá-lo penso sobre seu peito. Florença é a prova de suas obras. Florença, madura, rica e próspera, garantia a produção artística.

O Ser Histórico-Temporal da Cultura Florentina

A referência às manufaturas iniciais traz o tema da indústria têxtil florentina que se expandiu muito no século XV, através de inovações técnicas. Recordemos apenas o mecanismo inventado por Brunelleschi, no Quatrocentos, a fim de poder pintar os 40 metros de diâmetro da cúpula na igreja Santa Maria di Fiori de Florença. Dessa cúpula Alberti afirma que ela é capaz de cobrir com sua sombra todos os povos toscanos. Surgiu, também o reinado da moda que exigia muitos trabalhadores. (HELLER, p. 160). Mas, se, de um lado a realidade estava a influenciar o pensamento, de outro, deve-se entender que os homens do Renascimento ainda não tinham assumido na sua consciência o objetivo de criar em uma sociedade que renovasse toda a produção da vida material. Não podiam ter uma praxis transformadora orientada para o futuro, no sentido de uma transformação radical da sociedade.

O que era o poderio econômico de Florença que pôde patrocinar o desenvolvimento material e cultural de seus cidadãos? Evidentemente não era resultado da forma de produzir da sociedade feudal. A economia manifestou-se fortemente no século XIII e expandiu-se ao longo do século XIV numa tríplice direção: a indústria de lã e de seda, o comércio de tecidos e as operações financeiras dos bancos. O comércio principal da Itália estava em Florença nessa época. Os comerciantes florentinos tinham sucursais em todas as cidades principais da Europa. Em consequência, acumularam uma capacidade de cálculo e uma visão racional da realidade, chegando ao conhecimento profundo em matéria de negócios como em nenhum outro lugar. As oficinas comerciais e as indústrias disseminadas no mundo europeu eram ao mesmo tempo bancos. Os principais membros da lã e, também, os donos das terras eram os Albizzi, apeados do poder por Cosme Medici, em 1434; os Strozzi ou os Medici eram os mais poderosos banqueiros. Assim, Florença estendeu seus domínios nos séculos XIV e XV até Cortona em direção ao centro do país e a Livorno no mar Ligure, abrindo novas rotas comerciais.

No início, os próprios comerciantes e homens de negócios eram também os ideólogos da classe. Os humanistas Giovanni e Matteo VILLANI mantinham os governos fundados numa ideologia inteligente através de sua inte-

vas de uma produção a dominar os indivíduos não se faziam ainda presentes. Pensava-se o particular e não as leis objetivas universais. Quando se fala no *ser é ação*, essa disposição valia para a autonomia do indivíduo e para suas imensas capacidades de atuação. Não havia ainda o que aconteceria na Modernidade, isto é, a racionalidade coisificada de todo o ser social, embora a racionalidade acompanhasse o pensamento burguês desde o início, inclusive na sua expressão primitiva no pensamento das seitas. A revolta dos trabalhadores na indústria da lã em Florença, em 1378 conhecida como a insurreição dos *ciompi*, está a demonstrar o grau de desenvolvimento da produção e da racionalização da vida cotidiana.

Dessa forma, oriento este estudo para o ser histórico-temporal e posiciono Policiano nas relações sociais do Quatrocentos. Para tal proponho três fases diferenciadas ocorridas na sociedade florentina e vividas por Policiano.

A primeira delas refere-se à época de Cosme de Medici, no começo do século XV, a fase das grandes obras arquitetônicas em Florença, sob o mecenato do próprio Cosme. A atividade dos homens empreendedores - a filosofia leva à ação - manifestou-se em toda sua plenitude nas obras de arte e no poder econômico que se desenvolveu em todos os setores. A capacidade de cálculo e a visão racional da realidade

dominavam nas mentes dos indivíduos. O mundo intelectual era a expressão ideológica mais evidente da república florentina. Aos comerciantes chanceleres sucederam humanistas nas

orientações políticas do Estado. Tem-se o exemplo de Coluccio Salutati que, de 1373 até 1406 foi chanceler em Florença, exercendo sua função de forma plena como uma espécie de secretário de Estado. Salutati ajudou a conformar a vinculação entre uma vida cultural renovadora e uma precisa e definida vocação política e civil. Elabora uma imagem persuasiva de Florença, nas guerras contra as tiranias dos príncipes e do papado, quando Salutati, como antes faziam os Villani, conseguia imprimir conteúdo intelectual à vida política e erguia a bandeira da liberdade contra a opres-

Policiano era humanista, favorecido pela corte dos Medici, uma corte progressista da alta burguesia mercantil e financeira que mantinha compromissos com o feudalismo.

lectualidade aguda. No século XV, entretanto, em ritmo ascendente, foram os intelectuais profissionais que seguiam os comerciantes Villani e davam o tom da intelectualidade e da liberdade à política na Toscana.

Na produção, é bom registrar, não predominava ainda a repetição contínua de uma atividade laborativa que pudesse se beneficiar dos resultados das ciências naturais e que pudesse formar a consciência individual e social em termos de objetividades opressoras, como aconteceria mais tarde e que Marx denomina inversão sujeito/coisa. As leis objeti-

são da política papal. E liberdade tinha o sentido de um único valor que converte a vida em digna de ser vivida. Em nome dela, Florença se converte em pátria ideal dos homens. O humanista Leonardo Bruni o sucedeu e sua intelectualidade era a expressão de todo o triunfo de Cosme de Medici que instalou a República democrática na cidade. Policiano formou-se dentro desse ambiente intelectual que unificava a arte com a política.

A busca de um entendimento de Policiano -sua pedagogia a se orientar para formar indivíduos despertados para a ação, indivíduos quase selecionados por natureza -deve dirigir-se para a tríade do Renascimento: o absolutismo progressista, o humanismo e a alta burguesia mercantil e financeira. Em síntese: Policiano era humanista, favorecido pela corte dos Medici, uma corte progressista e a época pertencia ao auge da alta burguesia mercantil e financeira que mantinha compromissos com o feudalismo.

Os príncipes do Renascimento tinham, em sua grande maioria, espírito burguês e se posicionavam contra o sistema feudal. As necessidades humanas da sociedade eram atendidas pela produção local, pelo pequeno comércio e pelo comércio à longa distância. A economia dominante era a mercantil e a financeira. Tanto o comerciante quanto o banqueiro exigiam uma total racionalização do cálculo. Da mesma forma, o povo em geral sentia claramente o movimento racional do cálculo na sua vida cotidiana. Nas manufaturas iniciais já reinava a divisão técnica do trabalho, embora ainda não perceptível em grande escala porque também não se aplicava grande quantidade de capital nas manufaturas; a alta burguesia, à maneira dos nobres, esbanjava. Medici e outros absolutistas italianos "esbanjavam" nas grandes obras artísticas. Nesse sentido, a alta burguesia colocava-se em oposição ao feudalismo; no entanto eram o dero e os nobres que tinham condições para comprar as caras mercadorias do grande comércio. Assim, havia um compromisso entre as classes feudais dominantes e a alta burguesia.

Os humanistas adotaram, em termos gerais, a ideologia da alta burguesia, a despeito de sua consideração com os pobres, como Vives, Erasmo e Morus; Alberti desenhou um monumento para Malatesta, o tirano de Rimini;

Os humanistas adotaram, em termos gerais, a ideologia da alta burguesia, a despeito de sua consideração com os pobres. A ambigüidade de vida deles respalda-se nesse posicionamento ideológico.

Rero della Francesca pintou o retrato do tirano e trabalhou para os Gonzaga em Mantua; trabalhou, também, na corte de Montefeltro em Urbino; Brunelleschi, Ghilberti, Policiano, Pico della Mirandola, Marsílio Ficino e outros eram patrocinados pelos Medici; Policiano escreve a solene inscrição que acompanha a Anunciação a Zacarias na Santa Maria de Novella: "**An MDCCLXXX quo pulcherrima civitas opibus victoriis artibus aedificisque nobilis copia salubritate pace perfruebatur**". Uma inscrição elogiosa e tranquilizadora para refletir o esforço realizado por Lourenço para celebrar a glória e a autoridade de Florença. O conde Sabbioneta patrocinou vários artistas que construíram monumentos entre Parma e Mantua. Os Visconti e os Sforza prestigiaram os artistas em Milão. Os Ferrante e os Este patrocinaram a arte. Os Papas Júlio II, Leão X e outros fizeram o mesmo.

A ambigüidade de vida dos humanistas respalda-se nesse posicionamento ideológico. Torna-se significativa a posição de Policiano quando se refere à alegoria da caverna e afirma: "*Interpretari tão somente que esses homens acorrentados e nas trevas representam o vulgo e a ignorância*". Isso não significa apenas a ideologia do renascentista Policiano, mas também seu reconhecimento quanto à pobreza - um povo ignorante e pobre existe! -que a sociedade produzia.

Uma segunda fase da transformação social em Florença, ocorre com o absolutismo de Lourenço de Medici. Ele se converte em despota e muitos humanistas, inclusive Policiano, se afastam de seu mecenato. A mudança ocorreu quando Marsuppini sucedeu a Bruni e suas obrigações como chanceler ficaram reduzidas a redigir em bom latim deliberações e ordens. Scala, o pai de Alessandra e chanceler que

sucedeu a Marsuppini, no final do século XV, torna-se uma figura ornamental, mero executor das ordens, sem personalidade política. O centro político havia deixado o palácio da Signoria (Palazzo Vecchio) para passar à casa de Lourenço de Medici. Os Medici tornaram-se banqueiros falidos. Termina assim, momentaneamente, a fase da estreita ligação entre política e cultura por parte dos humanistas florentinos.

Cosme foi o indivíduo empreendedor das artes e das obras arquitetônicas. Lourenço, seu neto, patrocinava as artes denominadas menores. Cosme patrocinou os artistas em Florença; Lourenço preocupou-se em exportá-los para Urbino, Roma e outros centros, permanecendo em Florença os poetas, filósofos e intérpretes dos filósofos. Cosme dera a seu governo um brilho que vinha dos chanceleres humanistas, estes cheios de criatividade e ação à base dos ensinamentos antigos; com Lourenço os chanceleres humanistas tornaram-se apenas redatores dos ordens emanadas do absolutista. Os estudos platônicos sobrepuseram-se à filosofia da ação, por circunstâncias teóricas e práticas.

Se podemos fazer uma síntese, havemos de afirmar que os humanistas renascentistas eram racionalistas, confiantes no Estado, individualistas empreendedores e, como ideólogos de uma classe, também ambíguos no seu pensamento. Esse posicionamento não era único; houve variantes nessa postura pois ocorreram rupturas de humanistas com seus monarcas. Estes eram progressistas e não revo-

lucionários burgueses. Revolucionários, até certo ponto, eram os pobres, as seitas e a pequena burguesia em geral que não queriam viver mais como viviam embora não soubessem ainda como queriam viver, isto é, ainda não podiam ter um projeto burguês de vida na sua consciência, dado o desenvolvimento da sociedade. Mas, o povo ignorante, a despeito do reconhecimento de sua existência e das festas populares animadas por Policiano, não era a clientela de sua proposta educacional.

Se o que acabamos de sustentar é verdadeiro e expressa a época florentina do Quatrocentos, há que se completá-lo com uma particularidade que determinou o pensamento de Policiano. Trata-se da terceira fase que venho expor.

Conforme Branca, à época em que Policiano escreveu "As Selvas" e "Lâmia", os objetivos iniciais do humanismo já se haviam modificado. Os florentinos e o nosso Autor em particular, desinteressaram-se da ação política, em grande parte porque os Medici fecharam-se num poder autoritário e afastado do povo. Policiano reencontra, nesse momento, os filólogos venezianos, principalmente Ermolau Barbaro que lhe apresentará a "verdadeira" filologia.

Trata-se da época que, começando em 1464, vai se formando nos próximos trinta anos. Resulta da segunda fase, uma consequência desta, quando se enfraqueceu a atividade dos homens empreendedores. Lourenço admirava a natureza; gostava de retirar-se à casa de campo para meditar; demorava na Acade-



Piero della Francesca:
"A Flagelação"

O pintor utiliza a perspectiva para mensurar perfeitamente seus espaços arquitetônicos, em correta relação com os personagens que os vivem. Trata-se da ciência aplicada às artes.

mia que ficava em Poggio a Caiano, entre montanhas, rochas e fontes e, de lá, admirava as ondulações dos montes que se estendiam até o vale do Arno. Policiano vivia em Fiesole, nas redondezas de Florença, admirava os filósofos e se dedicava à poesia e à filologia. O ser empreendedor deixou espaço para o ser contemplativo. Platão tomou o lugar dos outros antigos. Essa fase é caracterizada da seguinte forma: "A filosofia não busca a ação, mas a contemplação". Ou, ainda: "Quem renuncia à filosofia, renuncia a ser feliz". O gramático, no entanto, apoia-se no seu mundo objetual para organizar o que entende por formação do homem. Se não é mais o mundo das artes arquitetônicas que sobressai, é a poesia que toma o tempo de Policiano.

Após a morte de Cosme Medici, em 1464, o platonismo começou a dominar o panorama de Florença. Decisivo para a introdução dos estudos platônicos em Florença foi Marsílio Ficino, chefe da Academia platônica, instalada na vila de Poggio, em 1485. Neste círculo de escola platônica figuravam estudiosos que às vezes tinham interesses próprios, como Policiano, mais preocupado com a poesia e a filologia, ou Pico della Mirandola, fascinado com os mistérios platônicos, mais tarde ligado à tradição escolástica de Paris. Landino, Lorenzo de Medici e Benivieni foram poetas que seguiram a doutrina platônica. O resultado foi aquele que já ventilamos acima: o fim de uma era humanista em que chanceleres configuravam poderes importantes na ação política e diplomática e o objetivo era a transformação social e política da sociedade; em suma, passa-se a época da dignidade da vida ativa. O fim, também, das grandes obras arquitetônicas da Florença. Os humanistas voltavam-se para os destinos cósmicos e metafísicos; por trás da mera superfície da realidade tentavam captar a essência de uma harmonia oculta de uma totalidade unida e unificada. Essa harmonia não devia ser buscada no corpo mas na alma. A cultura humanista florentina desprendia-se de suas energias políticas e dos problemas mais concretos. Elucidativa dessa época é a atuação de Lorenzo que não se preocupava, como

seu avô Cosme, em erigir grandes obras arquitetônicas; dirigia-se para as chamadas artes menores. Como esteta, preferia o gozo e a especulação à atividade. Ele e os seus humanistas preferiam a vida no campo. O ideal do humanismo neo-platônico era o *otium*, isto é, retirar-se da vida cotidiana a fim de

O objetivo da ideia de Policiano de formação do homem é a nobreza da pessoa. Uma nobreza por sua obra, sua atividade, sua força e sua capacidade de criar objeções.

perceber que a natureza é uma das manifestações mais perfeitas da divindade. Gostavam os humanistas de admirar as colinas descendo até o rio Arno e o nascer das fontes. Policiano, especificamente, era grande admirador da paisagem toscana. A Academia, dada por Cosme a Ficino, era uma residência modesta, situada entre rochas e fontes, com uma vista linda sobre Firenze, um lugar ideal para o *otium philosophicum*. Policiano pergunta: "Que homem de talento não anseia dispor de um tempinho para dedicar-se à filosofia?"

O neo-platonismo estabelecia uma separação entre a religião dos sábios e a do povo. Os humanistas neo-platônicos desinteressavam-se pela vida dos cidadãos face ao um estancamento da vida civil e um republicanismo em retrocesso ante a força principesca.

A filosofia adquirira força na Florença humanista. Policiano dedica uma parte de sua aula inaugural aos filósofos Ipse e Aristóteles de quem vai comentar as obras. Adverte, porém, as Lârnias: não sou filósofo; sou gramático.

A Proposta Educacional de Policiano

A essas três fases que retratam as transformações florentinas à época de Policiano tentarei apontar as concepções pedagógicas do Autor, sem esquecer de afirmar que as diversas ideias pedagógicas de Policiano na realidade se complementam numa grande unidade de pensamento. Dessa forma, falarei de influências sofridas a partir das três mudanças sociais e políticas de Florença nas concepções pe-

dagógicas do Autor. Não se trata, de maneira nenhuma, de concepções superadas e substituídas por outras; ao contrário, trata-se de influências diversas que confluem para a compreensão de sua pedagogia.

A pedagogia de Policiano baseia-se em Cícero, Virgílio e em Quintiliano. Deste retirou o ideal da educação: formar um *vir bonus*, um homem bom. O objetivo de sua idéia de formação do homem é a nobreza da pessoa, não tanto uma nobreza por herança de sangue, mas uma nobreza por sua obra, sua atividade, sua força e sua capacidade de criar objetivações. Dante, o florentino do Trezentos, havia desvinculado totalmente o conceito de *nobile* ou *nobilità* de qualquer circunstância de nascimento, identificando-o com a aptidão para a superioridade moral e intelectual; Poggio, no seu diálogo "sobre a nobreza" afirma que não existe qualquer outra forma de nobreza senão a que decorre do mérito pessoal; Lourenço de Médici argumenta que a palavra grega para nobreza *eugeneia*, *bem-nascido*, de Aristóteles, refere-se à excelência e à riqueza herdada; e Niccoli subordina o conceito de nobreza aos atos do indivíduo. (V. BURCKHARDT, p. 262.) Nessa mesma linha coloca-se Policiano quando cultiva a educação para formar um indivíduo nobre por sua obra, sua atividade e sua força.

Nessa perspectiva retoma a idéia de Quintiliano, a da ascensão do indivíduo na escalada da montanha. A ascensão é feita pelo indivíduo com a colaboração dos mestres e das artes florentinas. A pedagogia de Policiano retoma sempre essa escalada individual. A alegoria da caverna tem aí seu significado de adive para a luz, estimulado por quem já subiu. O estímulo é dado por mestres, poetas e artistas. Nesse sentido está o papel que desempenham a matemática e a geometria, assinalado por Policiano no seu texto. É um dado importante de sua proposta educacional pois aí reside um conteúdo fecundo: a matemática aplicada na construção dos monumentos artísticos. Aqui ocorre uma novidade no campo aplicado às artes visuais.

Os humanistas desempenharam um papel de ruptura com a imagem da centralidade da Terra. Brunelleschi, frente às técnicas artesanais dos construtores de catedrais góticas, empreende o estudo da matemática com Toscanelli e examina as obras antigas. Na cú-

pula de Santa Maria das Flores realiza um cálculo teórico e prévio de sua magnitude. O sistema de perspectiva foi recuperado dos antigos pelos florentinos no século de Policiano e se torna um instrumento que possibilita a representação da natureza e o desenvolvimento da idéia tridimensional do espaço. Com isso se supera a perspectiva medieval e a concepção de espaço. Este surge, então, como um fenômeno mensurável reduzido a princípios regulares. A matemática e a geometria permitiram uma formulação de princípios a partir da verificação prática de uma reflexão teórica. A pintura converte-se em um meio para a investigação do espaço em termos científicos, um meio de conhecimento da realidade sobre bases matemáticas, constituindo-se em premissas do que será posteriormente o método de Galileu.

O instrumento geométrico e mecânico substitui o engenho como símbolo do artista-engenheiro. Piero della Francesca escreve: "A pintura concentra três partes principais: desenhar, medir e colorir. (Perspectiva Pingendi). As primeiras artes mecanizadas foram a pintura, a escultura e a arquitetura. Moscovici escreve a respeito: "Do artesão que se inicia no segredo das máquinas, do artista-engenheiro, devorado pelo desejo de inventar e animado pela vontade de manifestar a preeminência da arte instrumental; do artesão estreitamente especializado ao artesão-superior em saber enciclopédico, a metamorfose profunda". (MOSCOVICI, p. 221).

Vejamos o que ocorreu em Milão. Os mestres pedreiros tradicionais sabiam como conceber um plano de suas construções. Serviam-se do deslocamento das figuras planas para prever as relações e faziam elevações de maneira visual a juízo das relações de superfície entre figuras. O procedimento era empírico e não apelava à geometria e aos números. A proporção empregada era uma espécie de "segredo de ofício" puramente prático, sem nenhuma escala de medida. Assim, no início, os pedreiros queriam construir a catedral de Milão como um edifício tão alto quanto largo (*ad quadratum*). Com o decorrer do tempo, a igreja tomava a forma triangular (*ad triangulum*). Como encontrar agora a altura, incomensurável com a base?

Moscovici relata essa história. A resposta ultrapassava a competência de um mestre pedreiro. Apelou-se a um matemático, Gabriele

Stornaloco. Estamos no Trezentos, no fim deste século. O matemático propôs uma fórmula, realizando a ligação entre as matemáticas e a arquitetura. A arte da geometria discutiu com os engenheiros sobre as dúvidas quanto à altura da catedral. Os resultados de Stornaloco foram aplicados. O engenheiro Jean Mignot expôs o projeto aos mestres pedreiros. Ante à oposição de alguns mestres milaneses, Mignot conduziu: "Ars sine scientia nihil est".. (A arte sem a ciência, não é nada) (MOSCONI, p. 223) Podemos conduzir: a catedral está em pé em 1998

Por isso, as obras dos humanistas eram conteúdo importante para o ensino, na opinião de Policiano. Esse é um aspecto inovador da sua pedagogia. Veja-se bem: essas obras datavam da época anterior ao absolutismo de Lourenço. Podemos afirmar que essa primeira concepção teve sua origem na fase das grandes obras arquitetônicas e na presença forte dos humanistas na política social. É o que denominamos: *as artes como princípio educativo*.

A segunda influência na concepção pedagógica de Policiano enraíza-se nas mudanças sociais de Florença as quais analisamos acima na segunda e terceira fase.

Menos dependente de seu mecenas, voltou-se o Autor ao estudo dos filósofos que lhe deu motivos para se tornar um crítico ou um gramático. Voltou-se à *palavra*. Sendo poeta, cultivou a palavra e a ligou à filologia e à retórica, esta entendida como a ciência da palavra. A partir daí, sua pedagogia tornou-se mais particularista. A formação do indivíduo teve por base o ideal do conhecimento dos mecanismos da linguagem e das disposições da alma, aliado ao *entusiasmo* pela poesia. Sua cadeira é a *ars poetica et oratoria*. Elege a poesia como a "mãe das artes" que engloba toda a forma de saber. Os escritos poéticos contêm, conforme ele, o essencial ao saber humano e abrem o caminho do conhecimento intuitivo. A transmissão de uma tal *sabedoria* passa seguramente pela arte da palavra. Branca dá um título significativo a seu livro: "*Policiano e o humanismo da palavra*". Dessa forma, o Autor abdica de sua posição política

coletiva e dedica-se à formação do indivíduo. Sua pedagogia coletiva cede lugar à individual apesar de que nunca tenha aceito apenas uma dessas formas.

A idéia pedagógica de "ascensão estimulada na montanha" e a ascensão no adive da caverna, estimulada por quem já subiu até à luz, traz um novo aspecto pedagógico, talvez o mais importante: o estímulo à *ambição* do aluno. O termo *laus* (louvor) é o ímpeto necessário à criação e ao ensino na pedagogia de Autor. O estímulo produzido pelos outros, no caso, pelos mestres, refere-se também às obras e aos artistas de Florença. Por isso, exorta Florença a celebrar os méritos de seus filhos. O estímulo também é dado pelos escritos dos antigos, arduamente posto em ação pelo aluno para poder crescer, favorecer o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais e o desabrochar de sua personalidade humana (V. GARIN XVIII). O exemplo, seja do mestre seja das obras florentinas e as dos antigos, tem a ver com o conceito de *auctoritas*. Autoridade é quem tem as condições estéticas, científicas e morais para servir de modelo. O conteúdo pedagógico que antes tinha o acento na arte plástica florentina agora é constituído pelo poema.

A idéia pedagógica de "ascensão estimulada na montanha" e a ascensão no adive da caverna, traz um novo aspecto pedagógico, talvez o mais importante: o estímulo à ambição do aluno.

Importante é guardar a idéia de que, para Policiano, é a *poesia* que dá o conteúdo da formação da cultura geral no indivíduo. Cultura geral é história, no dizer do Autor. E história é o "*testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, voz da Antiguidade*". (Miscelanea, p. 32) A poesia, inserida na história, *exorta* para o bem com a esperança do *louvor* e forma *homens excelentes*.

No Quatrocentos, o ensino universitário devia assegurar um conjunto de instrução e de educação do indivíduo a fim de, no pensar dos humanistas, favorecer o crescimento do indivíduo. A leitura dos clássicos antigos fornecia um conhecimento histórico e exemplar do mundo antigo, tornando-se instrumento pedagógico -

co para a formação do homem. Policiano e outros humanistas desenvolviam pesquisas e estudos sobre textos antigos; com paixão, traduziam e interpretavam os escritos gregos e romanos, esquecidos ou corrompidos por gerações de copistas. Restituí-los à pureza original de sua forma e de seu conteúdo, era a meta dos humanistas no intuito de que esses textos guiassem os jovens para um ideal de vida cívica e moral, tal era a tarefa que se propunha o ensino. Os estudos humanistas foram chamados *Studia humanitatis*, sendo *humanitas* entendido como cultura geral. (V. MÜLLER, S. 37). Nesse sentido, compreende-se o fato de que o estudo dos antigos necessitava de uma sistematização e de um currículo próprio. O currículo obedecia ao Trivium e Quadrivium, adaptados à época. Ao contrário da estrutura tradicional, não havia no Studio di Firenze cursos correspondentes aos três ramos do Trivium, pois ali a *Orotoria* englobava o estudo da *Gramática*, da *Retórica* e do *Estilo*. Em relação à *Poética*, chamava-se assim a leitura comentada dos textos de poesia e a exposição da arte poética. Isso significava que a partir da estrutura escolástica procurava-se um ideal da cultura geral buscada na Antiguidade. A poesia, nesse sentido, era um ramo do saber com funções de ressaltar a in-

fluência ética e estética propícias à formação do homem. Policiano, nos seus cursos, fazia leituras comentadas de autores gregos e latinos o que comportava uma análise gramatical extremamente minuciosa das palavras e de sua etimologia com o fim de esclarecer as idéias do autor. Os alunos assimilavam, conseqüentemente, um conjunto de conhecimentos, um vocabulário abundante, um domínio da forma e da elegância do estilo.

A *cohortatio* (o estímulo) e a *auctoritas* (o exemplo) eram fundamentais para o sucesso da pedagogia da palavra. Já nas aulas inaugurais estes pontos eram acentuados. Ali se fala de *crescere* (crescer) e de *augere*, (aumentar), além de *generosus* sempre combinado com *arduus*. As *praelectiones* (Lâmia" é uma *praelectio*) seguiam um esquema praticamente imutável, de tradição secular. O professor pronunciava um prefácio de duas partes: a *laus* (louvor) das artes liberais, expondo as divisões da filosofia e fornecendo um quadro dos ramos do saber; e a *cohortatio* (estímulo) aos alunos para encorajá-los ao trabalho. (V. MAÏR, p. 37s) Em geral, oferecem a imagem-tipo de um curso de cultura geral concebido em função dos fins buscados. Policiano, como aluno, conviveu com este costume. Na sua própria tarefa docente, suas *prae-*

electiones tiveram, ao contrário das formas secas e esquemáticas das anteriores, o brilho das cores e a animação das imagens, revelando sua poesia, sua arte e estética. Sua poesia influenciou Sandro Botticelli, seguidor de Savonarola, o da república cristã de Florença durante o exílio de Lourenço, o Magnífico: "partindo de textos do poeta e humanista florentino Agnolo Ambrogini, chamado Policiano, havia sacralizado suas obras apoiando-se em iconografias religiosas, como o *Batismo de Cristo* e a *Anunciação*". (FRANCO p. 48)

Os humanistas e suas idéias exerceram, em geral,



Brunelleschi
O sacrifício de Isaac

Brunelleschi, mais jovem, inaugura o efeito dramático, visível na figura contorcida de Isaac e nas profundas dobras do manto de Abraão.

Ghiberti
O sacrifício de Isaac

No concurso sobre o tema para o Batistério de Florença, Ghiberti venceu, por sua delicadeza e seu refinamento.



influência considerável sobre as artes visuais. O devotamento com que os eruditos se dedicaram à recuperação das obras dos clássicos e à imitação da linguagem e do estilo dos antigos, abriu caminho também para o revival da arte antiga. O literário veio antes da arte visual. A palavra antes do monumento. O conteúdo emocional dos temas e o impacto dramático que uma obra pode causar no espectador, ganharam forma no Quatrocentos, em contraposição às obras anteriores de absoluta impassividade das figuras. Tratava-se das emoções e dos dramas das tragédias clássicas antigas a influenciarem as obras de arte. A emoção e o drama eram demonstradas nos rostos, no panejamento e em outros detalhes das figuras. Era a metamorfose artística da Toscana. No Quinhentos, o *sfumato*, as transições de luz para sombra, o estilo colorido e as pinturas de natureza íntima ganharam delicadeza, refinamento e sensibilidade, sem, entretanto, perder o aspecto emocional adquirido no Quatrocentos.

O valor histórico de "Lamia, a Bruxa" e das outras obras de Policiano têm a ver com os conceitos de filósofo, literato, crítico e gramático que os humanistas conferiam a si e às suas obras. Policiano deixa um documento valioso e dá um testemunho sobre o que significava ser filósofo no Quatrocentos e faz a distinção entre essa figura de pensador e os intelectuais de outros ofícios no humanismo renascentista. Aponta, especificamente, a tarefa de cada profissão intelectual. No seu caso, não redama para si a denominação de filósofo, considerando-a ilusória se fosse atribuída a ele. Redama o nome de "gramático", ou, "se quiserem, um filosofastro, ou nem sequer isso.."

Para formar um *vir bonus*, Policiano utiliza três substantivos: *cura* (cuidado), *disciplina* e *tutela*. O primeiro termo designa inicialmente os cuidados corporais de higiene e de saúde; e também os cuidados do espírito. A disciplina é indispensável à aquisição do ensino. O terceiro substantivo, *tutela*, é a salvaguarda moral do aluno. Trata-se de um laço estreito entre educação e ensino,

entre conhecimento e moral. Policiano busca as bases em Cícero, no "De Oratore", em que o objetivo educacional é o futuro orador ideal, o homem da palavra, especificamente aquele que possui as qualidades da justiça, da moral, do dever social e do dever político. (V. MAÏR, p. 42)

Alétura dos clássicos antigos fornece a um conhecimento histórico e exemplar do mundo antigo, tornando-se instrumento pedagógico para a formação do homem.

Além de Cícero, principalmente Quintiliano orientou as diretrizes pedagógicas de nosso Autor. Inspirou-se nele para unir a pedagogia à filosofia. Na sua obra "De Institutione Oratoria", Quintiliano escreve: o objetivo é formar o orador perfeito, o qual não pode existir se não for um homem de bem. ("*Oratorum autem instituimus illum perfectum qui esse nisi vir bonus non potest*"). Na opinião de Policiano, para que isso ocorra, deve-se utilizar a poesia.

O aspecto inovador de Policiano na pedagogia renascentista recai na *poesia como princípio educativo*. Policiano inicia seus discípulos nos mistérios da arte poética. Em suas obras "Nutricia" e "As Selvas" expõe suas idéias. A assimilação da poesia à pedagogia é capital. A atividade principal de Píero, futuro papa Leão X, consiste em educar-se ao redor dos poemas (*carmina detornat*), imitando seu mestre como todo aprendiz. Escreve o Autor: "*Vindos dos poemas, os germes da paixão vão criar outros, semeando o impulso no seu coração*" (Nutricia, p. 191).

Os métodos pedagógicos e os objetivos educativos enraízam-se no pensamento de Cícero. Mas, no momento em que escreve "As Selvas", a perspectiva histórica é diferente dos embates políticos que Cícero sustentava. Policiano estava afastado de Lourenço e da corte; renunciara à ação social; retirara-se para o universo da filologia e, por meio dessa ciência, acede à filosofia. Dessa forma, de agora em diante a formação ideal é mais individual, metafísica e estética do que cívica e política. A educação coletiva cede lugar à educação particular aprofundada. A era do

humanismo ativo, combativo e coletivo passara. Através das doutrinas antigas, Policiano sonha formar um *vir bonus* que tomaria emprestado dos epicuros o sentido do justo equilíbrio, de Quintiliano a medida, de outros a probidade e a arte de bem viver e sobretudo de Homero a intuição do sagrado e de Virgílio a fé ardente na beleza do mundo, a *pietas*. (MAIER, p. 37).

Uma tal formação da alma passa pelo domínio absoluto da palavra. Para ensinar é preciso convencer, encantar, sensibilizar. O ensino de Policiano não é vulgar, pois, seu objetivo é elevado, para mostrar o caminho do bem e do belo, a retórica, mesmo aliada à cultura e à filosofia, não basta; deve unir-se à essência sagrada do poema, do encanto poético. Na fusão do retórico e do poético, muito além da retórica simples de Cícero, a pedagogia fará empenho para levar a bom fim sua árdua tarefa de conduzir os jovens espíritos para o bem.

A filosofia encontra-se unida à poesia e juntas formam o ideal da existência humana. A poesia é considerada por Policiano como a principal ciência formadora da humanidade. Ela se identifica com a sabedoria e se apoia na eloquência. A formação intelectual, então, baseia-se na união filosofia-poesia-retórica. A poesia se posiciona como prioritária na educação; a filosofia e a retórica lhe dão o apoio necessário para conseguir seus objetivos.

Conclusão

As obras de arte de Florença e a poesia estavam objetivadas no ser temporal-histórico de Policiano. Formam o objeto de sua proposta educacional; apresentam-se como uma fase necessária, positiva e criadora para o desenvolvimento do ser do homem; aparecem como processo de autoprodução do homem, de autocriação na história, modelação para sua universalização; enfim, graças à universalidade que caracterizam a atividade humana e os frutos objetivados, fazem das obras de arte e da poesia o objeto da proposta educacional de Policiano. Objeto a fornecer os conteúdos para a formação do homem.

Ao final, uma palavrinha sobre a fábula da caverna, a expressão pedagógica do adive

à humanidade, contida em "Lâmia". O resumo e adaptação que Policiano faz da alegoria da caverna e as conseqüências que tira do mito nos deixam perplexos: é, com algumas modificações, a alegoria do capítulo VII da "República" de Platão! Policiano atribuiu-a a Jâmblico, o siríaco neo-platônico. A perplexidade aumenta quando fazemos um exercício de memória e de investigação e descobrimos que Boécio, em 520, já traduzira para o latim algumas obras de Platão e Aristóteles; Marsílio Ficino traduzira Platão para o latim, em 1477. Marsílio Ficino que vivia no mesmo lugar e na mesma época de Policiano, resgatou o dogma platônico sepultado no tempo, constituindo-se Platão o ponto de partida e de chegada nos estudos de Florença. Ele próprio traduziu várias obras de Platão e escreveu comentários, traduzindo Platão em latim culto. Policiano, por sua vez, escrevia maravilhas em latim e em grego; traduziu em versos para o latim a obra "ILÍADA". Além disso, fez parte da academia platônica de Florença, - o centro italiano dos estudos platônicos - animada por Marsílio; desenvolveu toda sua obra e seu magistério em Florença. E, no entanto, não conhecia o capítulo VII da "República", atribuindo-o a Jâmblico no texto "Lâmia".

Nesse ambiente de estudos platônicos e de traduções e comentários das obras de Platão, quando já se tinha traduzida a obra de Platão em Florença, pergunta-se: a "República" encontrava-se perdida durante o Quatrocentos? Um gramático e um professor, como Policiano, não deixaria de comentar e interpretar um texto no original e não na versão dada por Jâmblico.

O texto "Lâmia" foi apresentado e discutido no Mestrado em Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá e de lá surgiram duas explicações que aqui acrescentamos: a "República" continha algumas teses que não eram bem aceitas no Quatrocentos e, por isso, Policiano teria evitado a referência à obra original; e, como Policiano era um gramático, um crítico ou um intérprete, recorreu também a um grande intérprete de Platão - naquela época era comum citar o intérprete e não o autor -; no caso Jâmblico, para expor o mito da caverna, um pouco modificado.

Igual às aves que ficam rodeando a coruja para aprenderem um pouco de sabedoria,

Policiano ensina que é preciso agarrar-se às corujas antigas que eram verdadeiramente sábias. No seu ofício de gramático, são estas que ele interpreta e analisa. Não cria novas teorias filosóficas; apenas interpreta os pensamentos da Antiguidade que lhe dão o verdadeiro limite, a verdadeira extensão do corpo. Combate a ignorância e, em contrapartida, apresenta um conteúdo educacional volumoso de realidade, à base das artes florentinas e dos lindos poemas antigos e atuais. É a poesia que vai dar a exata proporção e o justo equilíbrio das ações humanas. São a arte poética

e as obras de arte que, com a retórica e a filosofia, darão o objeto da pedagogia. Considera, por isso, que esse *corpus* é o estímulo para a árdua tarefa do adive da caverna rumo à luz da formação humana. A poesia e as artes formam o objeto que, por sua vez, vão dar conteúdo à pedagogia; suas sombras serão maiores ou menores conforme o mundo objetual das artes for utilizado. Na alegoria, as sombras são aparentes: podem agigantar-se ou apequenar-se mas não modificam o corpo que lhes dá vida.

Isso é tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRESE, M. C. *El Renacimiento*. Madrid: Mésa, 1985
- AGAZZI, A. *Educare*. Brescia: "La Scuola" Ed., 1952
- BRANCA, V. *Poliziano e l'umanesimo della parola*. Torino: Einaudi, 1983
- BRAUDEL, *Le Modèle Italien*. Paris: Flammarion, 1994
- BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CANALS VIDAL, F. *Historia de la Filosofía Medieval*. Barcelona: Herder, 1985
- CHASTEL, A. *Art et Humanisme a Florence au temps de Laurent, le Magnifique*. Paris: Presses Universitaires, 1959
- DELUMEAU, J. *A Gvilização do Renascimento I e II*. Lisboa: Estampa, 1994
- FLASCH, K. *Introduction à la philosophie médiévale*. Fribourg: Éd. Universitaires, 1992
- FRANCO F. M. *El Arte en el Renacimiento*. Madrid: Anaya, 1990
- FUMAROLI, M. *L'Age de l'éloquence*. Genève, Droz, 1980
- GARIN, E. *L'Educazione in Europa (1400-1600)*. Bari: 1957.
- GARIN, E. *Gênia e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo: UNESP, 1994
- GRABAR, A. *Les Voies de la création en iconographie chrétienne*. Paris: Flammarion, 1979
- HELLER, A. *O Homem do Renascimento*. Lisboa: Ed. Presença, s.d.
- HOFF, S. *A Pedagogia objetual*. *Revista UNIMAR*. Maringá: 11(1)139-146 out. 1989
- HOFF, S. *A Atividade humana e a objetividade social*. *Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES/Papirus, ano xv, abril, 1995 p. 93-104
- KOFLER, L. *Zur Geschichte de bürgerlichen Gesellschaft*. GMBH Verlag, 1971.
- KRISTELLER, P. *O Humanismus und Renaissance I, II*. München: UTB Uni-Taschenbücher, 1976
- MAIER, I. *Politien, la formation d'un poète humaniste*. Genève: Droz, p. 36
- MAIR, I. *Ange Politien*. Genève: Librairie Droz, 1966
- MORAVIA, S. *Educazione e pensiero 2* Firenze: L'Arte della Stampa, 1991.
- MÜLLER, G. *Mensch und Bildung*. Baden-Baden: Verlag Valentin Koerner, 1984.
- Opera Omnia Angeli Politiani*. Biblioteca di Lettere. Università de gli Studi di Firenze.
- PAYEN J. C. *Les origines de la Renaissance*. Paris: 1969
- PIÑERO J. M. L. *La Revolución Genuina*. Madrid: Carlos Noblejas, 1989
- RAMALHO A. da C. *Instituição de Alta Cultura*. Coimbra, 1969
- ROLOHOVEN J. *Concordanze delle poesie italiane di Angelo Poliziano*. Firenze: F. Cesati, 1986
- ROSSI, P. *A Gênia e a filosofia dos modernos*. São Paulo: UNESP, 1992
- SANTRIDIAN P. R. *Ângelo Poliziano (1454-1794)*. Madrid, Alianza, 1986
- SICHEL, E. *O Renascimento*. Rio: Zahar, 1977.
- VÉDRINE, H. *As Filosofias do Renascimento*. Publicações Europa-América, s.d.